

Amaro Freitas Trio

21 Out 2018

21:00 Sala 2

OUTONO EM JAZZ

Polish-Portuguese Improvisers' Orchestra

Amaro Freitas Trio

Amaro Freitas piano

Jean Elton contrabaixo

Hugo Medeiros bateria

*Em Pernambuco tudo é diferente, como é boa aquela gente
Quem vai lá num quer voltar*

Os versos de Luiz Gonzaga servem de pretexto para introduzir a magia que Pernambuco parece encerrar. Terra onde Jorge Amado terá “aprendido a amar”, Pernambuco é simultaneamente o berço de nomes incontornáveis da música brasileira: Luiz Gonzaga, Bezerra da Silva, Dominginhos, Lia de Itamaracá, Siba, Quinteto Armorial, Lula Queiroga, Capiba, Naná Vasconcelos, Moacir Santos e tantos outros que não caberiam num só parágrafo.

Em 1991, nascia no Bairro da Nova Descoberta (Recife) mais um nome que parece já ter encontrado o seu lugar nesta honrosa lista: o pianista e compositor Amaro Freitas. Interessado por música desde cedo, quis tocar bateria na banda da igreja evangélica onde o pai tocava, mas como “sobravam bateristas e faltavam teclistas” foi orientado para as teclas – “Chegava da escola e me trancava no quarto pra tocar teclado, no lugar de estar empinando pipa, brincando, jogando bola, ou fazendo qualquer outra coisa, a minha diversão era tocar teclado”. Os temas gospel e religiosos foram assim o primeiro mundo musical com que Amaro se deparou. Ingressou aos 15 anos no Conservatório de Música de Pernambuco, mas a experiência duraria apenas um semestre, uma vez que a família não podia suportar o encargo financeiro das viagens de autocarro. Por volta dos 16 anos, um DVD de Chick Corea abriu um novo mundo perante os seus olhos. “Então, isso pode?”, perguntou-se Amaro. A partir daí foi um caminho sem volta, pautado pela busca e a experimentação. Decidido a estudar música, começa a juntar dinheiro para pagar cursos e oficinas. Um dos grandes marcos da sua formação seria a Tritonis, a Escola de Música Contemporânea de Thales Silveira inspirada no modelo do Berklee College of Music. Daqui surgiram novas influências como Herbie Hancock, Brad Mehldau, Vijay Iyer, Hermeto Pascoal, Egberto Gismonti e César Camargo Mariano. “Engraçado, a coisa da música instrumental entrou primeiro na minha vida, antes da cultura pernambucana”. Contactou mais tarde com aquela que diz ser a principal referência das suas raízes musicais, o grande mestre pernambucano Capiba. “Ganhei um livro do

Capiba e fiquei encantado com aquela descoberta. Ali tinha choro, samba, maxixe, frevo, mas tudo tão mais lento, ao contrário dos frevos tocados nas ruas. (...) Aquilo despertou a minha curiosidade, a possibilidade de tocar frevo e maracatu, ritmos mais percussivos, no piano”. Com 19 anos percebeu que queria viver da música e procurou emprego como músico. O primeiro que encontrou foi o de teclista numa banda de sertanejo. Mais tarde começa a tocar em bares e restaurantes onde havia um piano, o que lhe permitia estudar depois do horário de trabalho. Tornou-se pianista residente do restaurante Mingus, local onde foi gerado o aclamado álbum de estreia *Sangue Negro*, realizado ao lado do contrabaixista Jean Elton e do baterista Hugo Medeiros. O disco conquistou de imediato a crítica e foi vencedor do Prémio Mimo Instrumental de 2016, além de uma menção honrosa no Savassi Festival 2016, figurando entre os principais lançamentos de jazz do ano.

Mas, afinal, o que tanto impressionou a crítica e o público neste trabalho? Inserindo-se na grande tradição do jazz moderno, Amaro conseguiu conectar as suas composições com as mais variadas influências brasileiras e sobretudo pernambucanas, do frevo ao baião, passando pelo coco, o maracatu e tantos outros. A propósito do disco *Sangue Negro*, o actor e músico Murilo Grossi esclarece-nos: “A música de Amaro Freitas é como um vinho de casta superior. Esse vinho tem tons de Mingus, Thelonious Monk, Coltrane, mas também Hermeto, bossa, todo o ritmo e profundidade da música nordestina e negra. É uma mistura incrível, um brinde.”

Contratado recentemente pela etiqueta londrina Far Out, o pianista acabou de lançar, há dois dias, o seu segundo disco, *Rasif*, inaugurando aqui a digressão europeia que o apresenta. “Rasif” é a palavra árabe da qual derivou a denominação Recife, nome atribuído àquela região devido aos arrecifes que protegem toda a costa. Sobre este segundo disco, Amaro revela não se sentir mais ou menos maduro do que em *Sangue Negro*, mas sim “noutro momento da vida e coloquei esse momento neste novo trabalho”.

Composto por nove temas originais, o novo disco é “um trabalho de pesquisa sobre a cultura pernambucana ainda mais forte”. O tema “Trupé” resulta da sua pesquisa do coco de Arco Verde

(que tem mais de 29 variantes), tendo descoberto que um destes cocos é tocado com uma sandália de madeira em cima de uma placa de madeira a que se juntam as vozes – “eu pego o ritmo, que é a característica do trupé, e transformo esse ritmo em melodia”. Amaro refere ainda o baião presente em “Dona Enir”, ou “Rasif” que “é uma ciranda em homenagem aos arrecifes de Recife”.

Para Amaro Freitas, a formação em trio tem “três pontas, mas funciona como um único objecto, não tem Amaro maior que Jean, é tudo a mesma coisa”. Encontrado por um acaso entre as noites a tocar em bares, Jean Elton juntou-se a Amaro. À semelhança do pianista, o contrabaixista começou a desenvolver o seu talento musical na igreja, tendo ingressado mais tarde no Conservatório Pernambucano de Música do Recife e na Universidade Federal de Pernambuco. Durante o seu percurso já acompanhou artistas como Cláudio Zoli, Sérgio Loroza, Wanda Sá, Daniel Podsk Quartet e Amaro Freitas, entre outros. Quando Amaro decidiu gravar o disco *Sangue Negro*, procuraram um percussionista, e eis que surge Hugo Medeiros, nascido igualmente no Recife. Hugo Medeiros estudou bateria com Ebel Perrelli e percussão erudita com Antônio Barreto. É licenciado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco e professor de bateria do Conservatório Pernambucano de Música. Integra formações como SaGRAMA, Mojav Duo, Rua, André Maria e Amaro Freitas. Já trabalhou com artistas como Saracotia, Hugo Linns, Elba Ramalho, Saar e Rodrigo Caçapa.

Polish-Portuguese Improvisers' Orchestra

Piotr Damasiewicz *trompete, composição*

Maciej Obara *saxofone alto*

Adam Pindur *saxofone soprano*

Pedro Sousa *saxofone tenor*

Paweł Niewiadomski *trombone*

Miguel Mira *violoncelo*

Angelica Salvi *harpa*

Dominik Wania e Rodrigo Pinheiro *piano*

Ksawery Wójciński e Hernani Faustino *contrabaixo*

Samuel Hall e Gabriel Ferrandini *bateria*

A Polish-Portuguese Improvisers' Orchestra é um projecto especial encomendado pela Casa da Música que junta o ensemble polaco de free jazz Power of the Horns a aclamados músicos portugueses. Esta aventura artística entrelaça dois mundos da música improvisada, reunindo no mesmo palco os melhores músicos polacos e portugueses dentro deste género. Piotr Damasiewicz, trompetista, compositor e líder dos Power of the Horns, escreveu as composições inspiradas pelo fascínio que desenvolveu pela actual cena do jazz português.

O projecto Power of the Horns, espinha dorsal da orquestra, é um ensemble de free jazz fundado por Piotr Damasiewicz, em 2008. Tem como principais referências projectos de jazz avant-garde como Sun Ra Arkestra e Art Ensemble of Chicago. Mais do que trabalhar um som particular ou temas específicos, o objectivo da banda é procurar novas possibilidades ao tocar em conjunto e

“libertar energia por meio da improvisação colectiva”. Os concertos da formação contam com cerca de doze músicos em palco, traduzindo-se em dois sets de percussão, dois contrabaixos, saxofones, trompetes, trombone, piano e instrumentos de percussão. O que determina como a orquestra soa é o resultado de todos os sons produzidos pelos músicos.

Este ensemble de características únicas é reforçado pela participação de representantes do jazz improvisado nacional. Por isso, o trompetista Piotr Damasiewicz convidou o Red Trio – Rodrigo Pinheiro no piano, Hernâni Faustino no baixo, Gabriel Ferrandini na percussão – para formar a dupla secção rítmica ao lado dos músicos polacos. Juntam-se ainda os portugueses Pedro Sousa (saxofone), Miguel Mira (violoncelo) e Angelica Salvi (harpa).

A Polish-Portuguese Improvisers' Orchestra pretende criar pontes entre duas culturas musicais e definir novos desafios artísticos, criando espaço para que estes dois mundos se reúnam da forma mais criativa possível.

Piotr Damasiewicz, natural de Wrocław, é compositor, trompetista e multi-instrumentista. A sua ligação ao jazz é construída através de conceitos relacionados com o free jazz e a música clássica europeia, com especial atenção aos estilos modernos – música improvisada, sound art, improvisação electroacústica e música experimental.

Fundou a associação “Music According To Art” (MATA), que promove artistas em busca de soluções alternativas. Uma das suas conquistas nesta área foi a exposição de obras de Damasiewicz na Galeria de Arte Contemporânea BWA em Katowice, trabalhando com o poeta e artista Stanisław Dróżdź.

Colaborou também com grupos académicos de belas-artes em Wrocław e Katowice, como co-autor de projectos. Participou na organização do Avant Art Festival, da plataforma europeia Jazzplayseurope 2010, do Take Five Project 2013 e do European Jazz Network. Integrou ainda o grupo internacional de música improvisada Alpenglow, que juntou músicos de Styria (Áustria) e Wrocław (Polónia). Como músico, Damasiewicz trabalha nos seus projectos: Power Of The Horns, ImproGraphic, Mnemotaksja e Hadrons, e colabora com VeNN Circles e Art Escape Quintet.

INFINITO VÃO

A Casa da Arquitectura convida os espectadores do Festival Outono em Jazz a visitarem a exposição “INFINITO VÃO – 90 anos da arquitectura brasileira”. Nos meses de Outubro e Novembro, apresente o bilhete do concerto e aproveite o desconto de 50% na entrada da exposição.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

